



HELIO MONTI

## Brasil analfabeto

Os dados sobre analfabetismo no Brasil são alarmantes. Se abordarmos um item secundário como número de livros lidos e de horas de leitura por pessoa, por exemplo, Venezuela, México ou Argentina ganham do Brasil dentro do continente. Fora dele, turcos, egípcios, árabes sauditas, húngaros, poloneses, indonésios, filipinos e russos -entre muitos outros- leem mais que os brasileiros. Sete em cada dez brasileiros não leram em 2014 um único livro sequer. Sabe-se que o nível de discernimento e politização de um povo está diretamente relacionado ao grau de cultura desse povo que por sua vez é tanto maior quanto maior é o nível de leitura de livros, jornais e revistas. Cultura vem também da frequência a cinemas e teatros. No mesmo período (2104), 89% da população não assistiu sequer uma peça de teatro. Estatísticas no Brasil, às vezes carecem de maior consistência. Um paper da Universidade Nacional de Brasília (UNB), no entanto, presume que entre analfabetos absolutos (adultos e jovens) e analfabetos funcionais (adultos e jovens) nosso país deva ter cerca de 50 milhões de pessoas. Um quarto da população. O analfabeto absoluto é aquele que não sabe ler nem escrever. O funcional é aquele dotado de rudimentos de escrita e leitura, porém se lhe derem um texto de dez linhas ele não entenderá o sentido do que está lendo. Segundo a UNESCO quase 40% dos analfabetos latino americanos são brasileiros. Segundo dados da UNICAMP apenas 8% das pessoas em idade de trabalhar são consideradas plenamente capazes de entender e se expressar por meio de letras e números. Ou seja,

oito a cada grupo de cem indivíduos da população. Chama-se esse grupo de 'proficientes'. Um indivíduo 'proficiente' é capaz de compreender e elaborar textos de diferentes tipos ou entender uma argumentação, além de conseguir opinar sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto. Outra competência que o 'proficiente' tem é resolver situações (de diferentes tipos) sendo capaz de desenvolver planejamento, controle e elaboração. Para a professora da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) Ana Lúcia Guedes-Pinto, 'essa defasagem reflete as desigualdades socioeconômicas históricas no país e aponta para a necessidade de mais investimento na educação básica e pública'. Não bastasse o analfabetismo, pasmem com essa informação: entre os estudantes do ensino superior, 38% não dominam habilidades básicas de leitura e escrita, segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), divulgado pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM) e pela ONG Ação Educativa. O indicador reflete o expressivo crescimento de universidades de baixa qualidade. Tudo isso é estarrecedor. Se quase 40% por cento dos nossos universitários tem tão baixo nível cultural e se temos apenas 8% de cidadãos proficientes, que condições tem a maioria da população de entender o que acontece, pensar, raciocinar, ler, discernir e por consequência se organizar para mudar esse país. Esta é uma situação que favorece o 'status quo', favorece e aumenta a nefasta continuidade do que devia ser interrompido e mudado em benefício real da população. Esse é o grande ralo por onde está escoando o resto de dignidade da nação.



**Esse é o grande ralo por onde está escoando o resto de dignidade da nação**

HELIO MONTI É SUPERINTENDENTE DA ELETRONORTE-GERENCIA DE OBRAS DE MT E MESTRE EM ECONOMIA PELA UNB